

TRANSFORMAÇÕES NÃO PUNITIVAS NO ROMANCE TRADICIONAL “CONDE NINHO” NA MEMÓRIA DO PATRIMÓNIO PORTUGUÊS

Maria Aliete Dores Galhoz*

“Conde Ninho” é um dos romances tradicionais pan-hispânicos de mais extensa difusão oral moderna e forte persistência embora actualmente tenda a desaparecer; ou diluir-se, nos reportórios dos portadores de memória romancística de zonas geográficas inteiras ou a imobilizar-se numa versão vulgata redifusora por outra via que não a transmissão geracional: reprodução em livro escolar elementar (o caso português da versão de Garrett ou a de *Flor Nueva de Romances Viejos*, dada por D. Ramón Menéndez Pidal, em Espanha) ou por discografia comercializada (o caso, por exemplo, da memória sefardita, sobretudo da nova diáspora para a América do Norte).

Trata-se de um romance novelesco, assonantado em (á), [0049, “El Conde Niño”, na entrada no *Índice General del Romancero Hispánico* (IGRH) e rodando em volta do tema do “amor de jovens contrariado pela família” // “amor mais forte que a morte”, como seu fulcro (primeiro enunciado) e como seu sentido (segundo enunciado). A pequena fábula presente em “Conde Ninho” é narrativamente realizada com o recurso a vários motivos universais significantes enformados adentro dos mitos e do imaginário pan-europeus. Assim, ainda que só tangencialmente alguns emergem, temos, potencialmente, como protótipo abrangente de toda a tradição do romance “Conde Ninho” (ou “Conde Olinos”) a seguinte progressão:

- a) Poderes mágicos do canto e sedução da donzela através desse efeito encantatório [ver S. Thompson D1275 *Magic Song*].
- b) Perseguição de dois enamorados [S. Thompson T80 *Tragic Love*].
- c) Transformações tendentes a uni-los [S. Thompson E670 Repeated reincarnation / S401 Unsuccessful attempts to kill person in successive reincarnations (transformations)].
- d) Vingança.

Na vertente portuguesa do romance não se tem amostra alguma do motivo da vingança, substituído por um fech social / moralizador (*vox populi*) de ser crime desmanchar um amor destinado, isto é, como que irredutivelmente marcado e por isso indestrutível. Como seja na “sentença” final mais comum (vulgata) e usada em Garrett na boca do Rei-pai que os perseguiu primeiro:

“Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar”¹

Para que se compreenda uma totalidade do romance pomos aqui uma versão recolhida no Algarve por Manuel da Costa Fontes e Maria João da Câmara Fontes, em 1980. É tópica da retentiva actual da memória de “conde Ninho” em Portugal continental mas não deve ao “modelo” proporcionado por Garrett.

1. Levantou-se o conde d’Olímpio numa manhanita clara,
2. foi dar água aos seus cavalos sobre a s rochas do mar.
3. Os cavalos a beber, e o cavaleiro a cantar.
4. O rei, que aquilo ouviu, se pôs logo a escutar.
5. — levanta-te, filha Silvana, se queres ouvir cantar;
6. ã sei se são anjos no céu se são sereias no mar;
7. — Isto não são anjos no céu nem são sereias no mar.
8. meu pai, é o conde Olímpio, que comigo quer casar.

* Centro de Tradições Populares Portuguesas da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa,

¹ Garrett, Almeida, *Romanceiro*. Organização, fixação de texto, prefácio e notas de Augusto da Costa Dias, Maria Helena da Costa Dias e Luís Augusto Costa Dias, Lisboa, Editorial Estampa, 1983, vol. III, p. 27.

9. — S'ele contigo quer casar, eu o mandarei matar.
- 10.— Se ele for a morrer, eu cá nã quero ficar.
- 11.Um morreu ao almoço, outro morreu ao jantar;
- 12.um enterrou-se à porta grande outro lá acima, ao altar.
- 13.Ela tornou-se numa laranjeira, ele num laranjeiral;
- 14.lá caíam folhinhas, começavam a brincar.
- 15.O rei, que aquilo viu, logo os mandou cortar.
- 16.Uma deitava leite de sangue e outra sangue virginal;
- 17.ela tornou-se numa pomba e ele num pombo real.
- 18.Uniam bico com bico, como quem se queria beijar,
- 19.e uniam asa com asa, como quem se queria abraçar.
- 20.Deram os seus boos, foram p'ràs rochas do mar;
- 21.os olhos que os viram ir, não mais os viram voltar.
- 22.O rei que aquilo viu, se pôs então a pensar:
- 23.casamentos que Deus faz, não se podem desmanchar.²

Muito difundido, tema e motivos enraizando em terreno mítico e lendário antiquíssimo, nada se sabe, contudo, sobre a origem, comprovada, deste romance indubitavelmente, nesta sua forma, formulado na Hispânia. Não consta dos *Cancioneros*, nem dos *Romanceros*, nem dos *Pliegos* difusores da grande voga de romances nos finais do séc. XV, século XVI e até certa altura do século XVII. Pode atestar-se, no entanto, contaminando uma versão do “conde Arnaldos”, atribuído a Juan Rodriguez del Padrón, já conhecido nos finais do século XV, como se vê no texto conservado no Museu Britânico, MS10.431. Apontamos aqui a leitura feita por Therese Meléndez Hayes, recentemente, sobre o manuscrito:

quien tuviese atal ventura con sus amores folgare
como el ynfante Arnaldos la mañana de San Juane,
andando a matar la garça por riberas de la mare,
vido venir un navio navegando por la mare.
Marinero que dentro viene diciendo viene este cantare:
Galea, la mia galea, Dios te me guarde de male,
de los pelogros del mundo, de las ondaas de la mare,
del rregolfo de Leone, del puerto de Gilbratare,
de tres castillos de moros que combaten con la mare.
Oydolo a la princesa en los P[a]lacios do estae:
Si sallesedes, mi madre, sallesedes a mirare,
y veredes como canta la serena de la mare.
— Que non era la serena, la serena de la mare,
que non era sino Arnaldos, Arnaldos era el ynfante,
que por mi muere de amores, que se queria finare.
¡ Quien lo pudiese valere que tal pena no pasase!³

Muitos estudiosos se debruçaram sobre as versões de Conde ninho desde os fins do século XIX até ao presente, procurando-lhe uma origem, ou, pelo menos, uma fonte genética, primeiramente buscada nas lendas do ciclo bretão de Tristão e Iseu (Juan Menéndez Pidal,⁴ D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos,⁵ Teófilo Braga⁶) e posteriormente procurando antes fazer

² Fontes, Manuel da Costa, “O Romanceiro da Beira e do Algarve: Um Pequeno Subsídio”, in *Revista Lusitana — Nova Série*, nº 11 Lisboa, Centro de Tradições Populares Portuguesas/JNICT, 1993, pp. 65-66.

³

Hayes, Therese Meléndez, “Juan Rodriguez del Padron and the romancero” in *El Romancero hoy: Historia, Comparatismo, Bibliografía Crítica: 2º Coloquio Internacional*: University of California, Davis. [Actas] madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal / Editorial Gredos, 1979; p. 21.

⁴ Menéndez Pidal, Juan, *Colección de los viejos Romances Que Se Cantan Por los Asturianos* (1ª edição 1885). Utilizo a 2ª edição preparada pelo Seminário Menéndez Pidal. Madrid, Seminario Menéndez Pidal/Editorial Gredos/GH Editores, 1986: PP. 301-302.

⁵ Michaëlis de Vasconcelos, D. Carolina, “Estudos Sobre o Romanceiro”, in *Revista Lusitana*, II, pp. 156 e seg.; p. 193 e seg.

luz sobre os motivos acoplados em “Conde Ninho” e compartilhados com diferentes outras baladas existentes no folclore de variadas baladas europeias de uma grande latitude. O romance Conde Olinos (Ninho, pan-hispânico, propriamente, comparte of motivo das transformações dom baladas do catalão, do francês, do inglês, do sueco, do dinamarquês, do alemão, do lituano, do romeno, do servocroata e do grego. Após a referenciação de D. Ramón Menéndez Pidal no seu fundamental trabalho do *Romancero Hispánico*, 1953, surgem como progressivos no enfoque sobre o “Conde ninho” os estudos de Samuel G. Armistead e Joseph Silverman,⁷ que são fulcrais, A. G. Hauf,⁸ Paul Bénichou,⁹ Edith Rogers,¹⁰ particularmente pertinente de prospecção na sua análise que o título do ensaio logo indicia, “El Conde Olinos. Metempsychosis or Miracle”, Rina Benmayor¹¹ e, numa perspectiva de codificação pelas estruturas ideológico/sociais, Michelle Debax.¹²

interessantíssimo estudo de Edith Rogers, de 1973, toma em conta a complexa rede de truncamento ou extensão das transformações em “corpus” de Espanha, Sefarditas de Oriente e do Norte de África, hispano-americanos; de Portugal cita o “corpus” presente em Teófilo Braga. Uma aparente absurda transformação, *como a última*, em “igreja” e “altar”, abrangentemente significando “santuário com poderes curativos”, onde os dois enamorados “falam” e recusam a cura, que dão a todos, à rainha mãe da jovem que os perseguiu, tornada usual em Espanha, aparece apenas vestigialmente nas versões portuguesas e desimbuída do código da justiça de “olho por olho, dente por dente”. Cito o final de uma versão leonesa recolhida em 1985 por uma equipa do Seminário Menéndez Pidal:

[...]

Ella se volvió una ermita y él se volvió un rico altar;
y en el medio de la ermita una fuente perenal,
donde los ciegos y tullidos todos se iban a sanar.
Llegó tiempo ¡ay, qué tiempo!, la reina llegó a cegar;
iba a lavar-se a la fuente perenal.
Por Dios te lo pido, hija, por dios y por caridad,
me dejes lavar los ojos en la fuente perenal.
— no la dejaré yo, madre, no la dejaré yo tal:
cuando éramos namorados nos quería separar;
cuando éramos pajarcitos, nos ha mandado matar,
cuando éramos [árboles], nos ha mandado cortar,
y ahora, como somos santos, ya nos viene aquí a enfadar.¹³

⁶ Braga, Teófilo, *romanceiro Geral Português*. Edição fac-similada (da 2ª edição ampliada: 3º volume 1909). Lisboa, Vega, s.d.; pp. 415-423.

⁷ Armistead, Samuel G. e Silverman, Joseph H., *The Judeo-Spanish Ballads Chapbooks of Jacob Abraham Yoná*. University of California press. Berkeley, Los Angeles, London, 1971; pp. 123-128, pp. 334-338.

⁸ Hauf, A. G., “les transformations”, in *Studies of the Spanish and Portuguese Ballad*, ed. N. D. Shergold, London, 1972; pp. 25-51.

⁹ Bénichou, Paul, *Romancero Judeo-Español de Marruecos*. Madrid, Editorial Castalia, 1986; pp. 123-128, pp. 334-338.

¹⁰ Rogers, Edith, “El Conde Olinos: Metempsychosis or Miracles”, in *Bulletin of Hispanic Studies* (Liverpool), L (1973), pp. 325-339.

¹¹ Benmayor, Rina, *romances Judeo-Españoles de oriente - Nueva recolección*. Edición crítica de..., transcripciones musicales de Judith H. Mauléon. Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal/Editorial Gredos, 1979; pp. 174-179.

¹² Debax, Michelle, “Análisis del motivo del Poder del canto en tres romances: “Conde Arnaldos”, “Conde Olinos”, “Gerineldo””, in *De Balada y lírica, I. 3er Coloquio Internacional del Romancero*. Edición de Diego Catalán, J. Antonio Cid, Beatriz mariscal, Flor Salazar, Ana Valenciano. Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal/Universidad Complutense de Madrid, 1994; pp. 285-297.

¹³ Tradiciones orales Leonesas. I *Romancero General de leon*. Compilados por Diego Catalán, Jesus Antonio Cid, Beatriz Mariscal, Suzanne Peterson, Flor Salazar y Ana Valenciano y por Julio Camarena. Madrid, Seminario Menéndez Pidal - Universidad Complutense de madrid/Disputación provincial de leon, 1989; PP. 178-179.

E cito, do *Romanceiro Português* de Teófilo Braga, versão dos fins do século passado, recolhida em Faro, também o final:

[...]
Da infanta nasce uma pomba, dele um gavião real;
Mas el rei de enraivecido laços lhe mandou armar.
Voavam asas com asas para no ar se abraçar:
Voavam bico com bico para no ar se beijar;
E ttanto, tanto voaram, que ao céu foram parar.
A rainha de raivosa, maldição lhes foi deitar:
Maldição te deito, filha, para que vás fazer ninho
Lá sobre as rochas do mar.
Dela se forma uma igreja, dele um portentoso altar.
Para quem de amor morresse ali se fosse enterrar.¹⁴

Das recolhas feitas no continente e nos arquipélagos, Madeira e Açores, neste século, apenas há, referindo a ermida, uma versão fragmento da ilha de S. Jorge recolhida por Manuel da Costa Fontes em 1980 e remanescente das colectadas desta ilha no *Romanceiro Português* de Teófilo Braga. Cito o final da versão colhida por Manuel da Costa Fontes:

[...]
Dela nasceu ua oliveira, e dele um pinho real.
Uma crescia, outro crescia, que pelo ar se abraçavam.
O pai o mandou cortar e mandou-o lançar ao mar.
Foram os barcos ao mar, nada de peixe pilharam.
Viram estar uma ermida muito bem apresentada
[.....] Nunca ninguém aconteça tal
qu'acabe c'o matrimónio que Deus tem para ajuntar.¹⁵

Antes de esboçar uma pequena reflexão sobre a imutabilidade profunda dos signos paradigmáticos das transformações no jogo semântico dual que os narrativiza e na flecha ascensional em que, também semanticamente, se lhe anuncia o epílogo, dois apontamentos relacionais que interessa. Um, dentro do mesmo género, o romanceiro, é que na tradição portuguesa outro romance se contamina com o final do Conde Ninho, particularmente na transformação final, menos abundante de exemplos, em “fonte santa” — é o romance da “Princesa Peregrina” [0720 “Novia abandonada” na entrada IGRH]. Outro, dentro do género do conto maravilhoso, parece ter influído na expansão das transformações do “Conde Ninho” confundindo duas origens diferentes: uma advinda de força de uma lei ou crença sagradas (divinas) e outra advinda de poderes mágicos manejados por vontade própria — aqui entra, cremos, semelhanças materiais dos aspectos momentâneos tomados pelo par fugitivo do ciclo de “Brancaflor”, sobretudo na insólita transformação em igreja (em Conde Ninho) e que é uma das etapas características das versões de Brancaflor (conto-tipo AT313, *The girl as helper in the heroine's flight*).

Entrando na apresentação das transformações prototípicas em o “conde Ninho”, temos a sequência “plantas / “leite puro-sangue real / “aves” e sua fuga ascensional. As versões com um desenvolvimento suspensivo, aparente, deste fim, ou seu retardador, são elocuições poéticas da vitória do amor fiel que a morte não conseguiu separar nem no seu símbolo unitivo terreno: união dos corpos (casamento) e prolongamento nos filhos, como veremos na versão que apresentaremos como epílogo desta comunicação.

Similares do rebrotar da roseira brava na campa de Tristão e Iseu, aparecem percentualmente pouco e só como primeiro estado de transformação, o segundo sendo o “leite puro / sangue real” brotados do corte e o terceiro a “pomba / o pombo torcaz” e a sua fuga ascensional no espaço. Recordamos o final da história de Tristão e Iseu na versão dada por Joseph Bédier:

¹⁴ Braga, Teófilo, edição citada, vol.I, pp. 271-272.

¹⁵ Fontes, Manuel da Costa, *Romanceiro da Ilha de S. Jorge*. Coligido e editado por... Prefácio de Samuel G. Armistead e Joseph H. Silverman. Transcrições musicais de Halam El-Dabh. Coimbra. Por ordem da Universidade, 1983; p. 43.

“Mais, pendant la nuit, de la tombe de Tristan jaillit une ronce verte et feuillue, aux fortes rameaux, aux fleurs odorantes, qui, s’élevant par-dessus la chapelle, s’enfonça dans la tombe d’Iseut. Les gens du pays coupèrent la ronce: au lendemain elle renaît, aussi verte, aussi fleurie, aussi vivace, et plonge encore au lit d’Iseut la Blonde. Par trois fois ils voulurent les détruire; vainement. Enfin, ils rapportèrent la merveille au roi Marc: le roi défendit de découper la ronce désormais”.¹⁶

E apresntamos um fragmento duma versão recolhida por Manuel da Costa Fontes em Trás-os-Montes, em 1980:

[...]
Um morreu, outro morreu, morreram ambos ao pare.
Dua nasceu ua rosa e doutro um lindo rosale;
um cresceu, outro cresceu, cresceram ambos ao pare.
Quando ia para a missa, não a deixavam entrare,
e pegaram numas tesouras e logo a mandaram cortare.
Um deitava sangue vivo, outro sangue [reale];
dum cresceu ua pomba e doutro um pombo trocale;
um voou, outro voou, ao céu se foram juntare.
[...]¹⁷

A fidelidade e renovo simbolizados pela planta rosácea de picos e flor de cinco pétalas, mesmo no folclore de fundo céltico, é talvez mais simbólico, mantendo-se, em todos os tipos de imagens, o entrelaçamento ou união dos ramos. Assim, na balada francesa de que aproximam também Conde Ninho no motivo das transformações, a balada intitulada “Pernette”, é clara nessa alusão:

¹⁶ Bédier, Joseph, *le roman de Tristan et Iseut* (14ème ed.) Paris, d’Édition d’Art, 1946.

¹⁷ Fontes, Manuel da Costa, *Romanceiro da província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança)*. Editado por... Coligido com a colaboração de Maria-João Câmara Fontes. Prefácio de Samuel Armistead e Joseph H. Silverman. Transcrições musicais de Israel J. Katz. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1987, 1987. (Dois tomos); vol. I, nº 172.

E. L. O., 3 (1997)

11

Tu n'auras pas ton Pierre,
nous le pendoulerons.

12

Si vou pendoulez Pierre,
pendoulez-moi aussi.

13

Au chemin de Saint-Jacques,
enterrez-nous tous deux.

14

Couvrez Pierre de roses
et moi de mille-fleurs. *

15

Les pèlerins qui passent
se mettront à genoux,

16

Diront: Que Dieu ait l'âme
des pauvres amoureux;

17

L'un pour l'amour de l'autre,
ils sont morts tous les deux"¹⁸

*sorte de viorne = clematites

¹⁸ Davenson, Henri, *Le Livre des Chansons*. Collection des Cahiers du Rhone. Éditions de La Braconnière. Neuchatel /Édition du Seuil, Paris [Édition originale 1944]. Edição de 1982, pp. 171-172.

Mais próxima ao sentido de transformação original, estacionária em um estado, o final de uma outra balada francesa, “Les Trois Nocés”, paralela a outras europeias como a inglesa de “Lord Thomas and fair Ellinot, por exemplo. Termina a francesa:

25

Si mourez pour m’amour
moi, je meurs pour le vôtre!”

26

Il a pris son couteau
se le plante entre les côtes.

27

Les gens s’en vont disant:
“Grand Dieu, les tristes nocés!

28

- les pauvres enfants,
- tous deux morts d’amourette!”

29

Sur la tombe du garçon,
on y mit une épine;

30

Sur la tombe de la belle
on y mit une olive:

31

L’olive crut si haut
qu’elle embrassa l’épine ¹⁹

Usando reiterativamente o motivo das transformações citam-se ainda, como possível sugestão para o motivo em “Conde Ninho”, duas canções tradicionais assim mesmo intituladas pelos seus compiladores, uma francesa, “Les Transformations”, ²⁰ e outra catalã, “Las Transformaciones”.²¹ Não nos parece pertinente a aproximação, slavo em alguma metáfora ocasional, o campo semântico de canções como estas duas sendo diferentes. As canções das “transformações” propriamente são um puro jogo verbal, dialogado, de requesto de amor, esquiva de *coqueterie* da jovem pretendida, perseguição galante do jovem pretendente e acordo final dos dois namorados. Reiteram o motivo, chegam ao tema mas é “brinco”, não assunção trágica. Cito, em abono, uma parte (a enumeração das transformações é muito longa), com o final, da referida versão catalã:

- 10 Yo’m tornaré llectugueta | llectugueta d’ensiam.”
“Si tu ‘t tornes llectugueta | llectugueta d’ensiam,
Yo m’en tornaré aygueta | y de mi t’en regaran.”
“Si tu t’en tornes aygueta | y de tu m’en regaran,
Yo m’en tornaré monjeta | y també m’en tencaran.”
- 15 “Si tu t’en tornes monjeta | y també t’entencaran,
Yo m’en tornaré escolá | sempre t’en seré devant.”
Si tu ‘t tornes escolá | y sempre ‘m serás devant,
Yo m’en tornaré morteta | y també m’enterraran.”
Si tu ‘t tornes morteta | que també t’enterraran,
- 20 Yo m’en tornaré terreta | que de mi t’en colgaran.”
“Si tu t’en tornes terreta | que de tu m’en colgaran,

¹⁹ Mesma obra citada na anterior, p. 237.

²⁰ Mesma, obra, pp. 365-369.

²¹ Milá y Fontanals, *Romancerillo Catalán*, 2ª ed., Barcelona, 1882, pp. 393-394.

Yo m'en tornaré viveta | y los dos se casaran.”²²

Em “Conde Ninho” — e falo agora, até ao fim, só da retentiva na vertente portuguesa do romance — as transformações majoritariamente nomeadas são símbolos profundamente arreigados na memória passiva colectiva e circulando em crenças e mitos distantes uns dos outros em tempo e espaço mas equivalendo-se com uma espécie de universalidade. Desenvolvendo um pouco diremos que no primeiro estado da transformação se refere mais constantemente o verbo “nascer”, para o fenómeno, e “pinheiro”, “cipreste” e “oliveira”, para as plantas, o crescimento das plantas com o verbo “crescer” e, final desse estado, a união das frondes, com o verbo “juntar”. Como regra, portanto, árvores de grande porte, longevas, de folha perene, salutíferas e correlacionadas com tradições referindo o sagrado: tradições chinesas, tradições cristãs, por exemplo. Lembremo-nos, aqui, da lenda grega de Filemon e Baucis, que Ovídio desenvolve nas *Metamorfoses*, e se resume assim: Baucis era uma mulher casada com Filemon, um camponês pobre. Acolheram e serviram, na sua choupana, Zeus e Hermes disfarçados de viandantes e que ninguém mais naquelas paragens tinha querido receber. Zeus castigou a impiedade daqueles habitantes aniquilando-os com um dilúvio, só tendo escapado Filemon e Baucis e a sua choupana que foi substituída por um templo em honra dos Deuses que a tinham visitado. E como Filemon e Baucis tinham pedido para, no termo da sua velhice, acabarem os seus dias juntos, Zeus e Hermes transformaram-nos em duas árvores que se erguiam lado a lado diante do templo e que tinha sido outrora a sua choupana.²³

O segundo estado, ou antes, sinal vivo e persistente de vida, é que, mandadas cortar brutalmente as árvores, “um deitava sangue vivo, outro sangue real”, ou “de um correu leite puro de outro sangue real”, significando os dois sexos e sendo ambos os termos símbolos de vida, matricial o leite, solar o sangue. Ainda que ausente em muitas das versões, esta sequência é pressuposto de existir na fábula de “Conde Ninho” se o estado sequente (a progressão canónica neste tipo) é o de ave, pois é seiva/sangue a comunicação de um a outro. O terceiro estado, ou, noutra hipótese, o segundo, é, na vertente portuguesa, introduzido mais regularmente por “sair” ou “nascer” “uma pomba” (do leite), “um pombo torcaz” (do sangue) que também procuram unir-se, mantendo-se a par e, finalmente, voando juntos para longe ou para o alto:

“Dela nasceu ua pomba, dele um pombo trocal,
Um voou, outro voou, ao céu se foram juntar”.

A significação de céu como “atmosfera”, “ar”, e como “paraíso” e a capacidade das aves de se moverem livremente no ar, por um lado, e, por outro, a sua simbologia da alma libertando-se do corpo e ascendendo, espírito que ultrapassou as vidas ou vida terrena, faz com que a polissemia do final de “conde Ninho” na maior parte das versões portuguesas seja de uma abrangência muito rica e sem, contudo, como regra, desobedecer à estrutura profunda que agencia a fábula em Conde Ninho e o faz imediatamente reconhecível como tal. E terminamos regressando ao princípio, recapitulando o romance numa versão que apresentamos também inteira e que está na posse de todas as sequências fundamentais e mantém a mesma carga simbólica mas mais livre na formulação da superfície pois reduz a primeira sequência,

²² Mesma obra, mesmas páginas.

²³ Apontamos o final na versão narrada em Ovídio:

Vota fides sequitur; templi tutela fuere,
Donec uita data est. Annis aueoque soluti
Ante gradus sacros cum starent forte locique
Narrarent casus, frondere Philemona Baucis,
Baucida conspexit senior frondere Philemon.
Iamque super geminos crescente cacumine uultus
Mutua, dum licuit, reddebant dicta; “uale” que,
“O coniunx” dixere simul, simul abdita textit
ora frutex. Ostendit adhuc Thyneius illic
Incola de gemino uicinos corpore truncos.

[...]

Ovide, *Les Métamorphoses*, tome II (VI-X). Texte établi et traduit par Georges Lafaye. 3ème édition, Paris, Société d'Éditions “Les Belles Lettres”, 1960; pp. 84-85.

prosificando o início, e acentua o carácter dramático-lírico da sequência das transformações com uma poetização mais alongada e uma breve interpolação de dois versos em invenção única, versos 21 e 22, mas acabando com a ambiguidade polissémica da libertação ascensional do par amoroso.

REI DAS CANDELAINHAS (a)

*Era um rapaz que namorava uma rapariga e ia de manhã cedo levar o cavalo à água.
O cavalo punha-se a beber e ele punha-se a cantar.*

rei ouviu e disse assim à filha:

- Anda filha, vem ouvir, anda, filha, vem escutar,
2 Não sei se são os anjos do Céu se são sereias do mar!
E a filha lhe respondeu:
Ó meu pai do coração,
Nem anjos do céu, nem sereias do mar,
4 É o rei das Candelaínhas que me anda a namorar!
a mãe que aquilo ouviu logo os mandou matar:
6 Mataram-no sexta feira domingo foram a enterrar!
Ela enterrou-se na igreja e ele ao pé do altar:
8 Ela fez-se numa cidreira e ele num limoar.
As folhinhas quqe caíram puseram-se a brincar
10 A mãe que logo o ouviu logo os mandou cortar!
Ele fez-se numa pomba e ele num pombo real
12 Jogavam bico com bico, como quem se queria beijar!
Jogavam asa com asa como quem se queria abraçar.
14 Abalaram e foram lá para um pinheiral.
A mãe que auilo ouviu logo os mandou matar:
16 — És caçador presperto, que pretendes matar?
Vai matar ali os pombos que estão naquele pinheiral!
18 — Eu sou caçador presperto mas não pretendo matar!
Que aquilo é um casal que Deus no céu há-de ajuntar!
20 Abalaram e foram para os rochedos no mar.
Fizeram um ninhito e puseram cinco ovinhos
22 Que eram os filhinhos que Deus lhes havia de dar.
Os olhos que pra lá os viram já não os viram voltar!²⁴

Bibliografia consultada não constante das notas

Chevalier, Jean, Gheerbrant, *Dictionnaire des symboles: Mythes, Rêves, Coûtures, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*. Paris, Robert Laffont /Jupiter, 1994 (Seizième réimpression)

Clébert, Jean Paul, *Dictionnaire du symbolisme animal - Bestiaire fabuleux*. Paris, Éditions albin Michel, 1971.

Ferré, Pere, com a colaboração de Vanda Anastácio, José Joaquim Dias Marques e Ana maria Martins, *Subsídios para o Folclore da Região Autónoma da Madeira. I Romances Tradicionais*. Edição da Câmara Arqueológica Lusitana, 1987.

Ferré, Pere, et al., *romanceiro Tradicional de Castelo Branco I*. Santiago de Cacém/Lisboa, Real Sociedade Arqueológica Lusitana, 1987

Fontes, Manuel da Costa, *O Romanceiro Português e Brasileiro - Índice Temático e Bibliográfico* (dois tomos)???????

Grimal, Pierre, *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris, Presses Universitaires de France, 1969.

Motif-Index of Folk-Literature, revised and enlarged edition by Stith Thompson. Rosenkilde and Bagger - International Booksellers and Publishers, copenhagen, 1955.

El Romancero Judeo-Español en el Archivo Menéndez Pidal (Catalogo-índice de romances y canciones), por Samuel G. Armistead con la colaboración de Selma Margaretten, Paloma Montero y Ana Valenciano. Cátedra-Seminario Menéndez Pidal, Madrid, 1977 (três tomos).

²⁴ *Romanceiro popular Português I: Romances Tradicionais*. Organização, introdução e notas de maria Aliete Dores Galhoz. Centro de Estudos Geográficos/INIC, 1987, pp. 131-132.

Romanceros Judeo-Españoles de Tanger, recogidos por Zarita Nahon, edición crítica e anotada por Samuel G. Armistead y Joseph H. Silverman. Madrid, Cátedra-Seminario Menéndez Pidal, 1977.

Thompson, Stith, *The Folktale*. University of California Press. Berkeley, Los Angeles, London, 1977.

Vasconcellos, José Leite de, *Romanceiro Português*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1958 e 1969 (dois tomos).